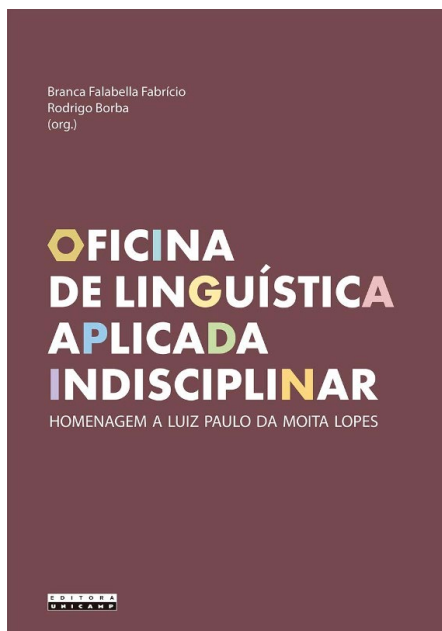


Indisciplinando pela Linguística Aplicada os horizontes de saber

Undisciplining the horizons of knowledge
through Applied Linguistics

 Francisco Gabriel Cordeiro Silva

 João Vitor Bezerra Laurentino



*Oficina de Linguística Aplicada
Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo
da Moita Lopes.*

FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R (org.).
Campinas, SP: Editora da Unicamp,
2023.

Francisco Gabriel Cordeiro Silva. Doutorando em Linguística (PROLING/UFPB); Email: gabrielcordeiro3@gmail.com

João Vitor Bezerra Laurentino. Doutorando em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG); Email: jvblautentino@gmail.com

A princípio, pode-se dizer que a história da Linguística Aplicada (do-Aravante, LA), no Brasil, mistura-se à de Luiz Paulo da Moita Lopes – professor, pesquisador, linguista aplicado indisciplinar e ativista comprometido, atravessado e implicado pela imperiosa necessidade de explicar, pela e através da linguagem, o mundo à nossa volta. Em sua perspectiva, a LA se encaminha pela “tentativa de compreender nossos tempos e de abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social” (Moita Lopes, 2006, p. 23). Dentre outras dívidas que a LA tem com Moita Lopes, uma delas é justamente a ampliação do campo, pela diversificação de objetos de linguagem para estudo e pela multiplicidade de perspectivas teóricas e metodológicas para tratá-los na pesquisa científica.

É justamente isso o que vamos percebendo ao longo dos capítulos que constituem o volume *Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*, de 2023, organizado por Branca Falabella Fabrício e Rodrigo Borba. As contribuições de Moita Lopes, homenageado e reverenciado durante toda a obra, são conhecidas em cenário nacional e internacional. Por isso, evidenciar o livro que busca reconhecer sua trajetória na área torna-se pertinente a este dossiê temático, cujo interesse está em discutir contribuições da LA. A publicação em relevo é composta por dez capítulos, que tentam refletir a diversidade epistemológica e metodológica, que é fundamental no campo. O título faz referência explícita à obra *Oficina de Linguística Aplicada*, de 1996, sugerindo que o leitor realizará uma espécie de incursão por uma oficina de trabalho e, desse modo, poderá contemplar diferentes formas de fazer pesquisa e/ou de construir teorizações indisciplinares sobre a linguagem na prática social.

O conjunto de capítulos é introduzido por diferentes textos e em diferentes gêneros discursivos. O primeiro deles é uma “Nota prévia”, desenvolvida por Beth Brait, que reflete, dentre outros aspectos, sobre a LA contemporânea e o papel de Moita Lopes para a consolidação da área no Brasil. O segundo corresponde a uma apresentação intitulada “Sobre ruínas e reconstruções...”, escrita pelos organizadores, a qual se ocupa principalmente em esclarecer a relação entre o homenageado, os autores, os temas tratados na obra e o contexto epistemológico em que se desdobram as discussões empreendidas. O terceiro é um prefácio, “Para LPML, linguista muitíssimo aplicado”, de autoria de Pedro de Moraes Garcez, em que se destaca, mais uma vez, as contribuições e as influências de Moita Lopes para os estudos aplicados da linguagem. Há também um quarto, a introdução, “Errâncias indisciplinadas: entre rastros, ruínas e reconstruções”, também escrita por Fabrício e Borba. Por último, antes da exposição de informações biográficas dos pesquisadores colaboradores, há um posfácio de Branca Telles Ribeiro, com o título de “Posfácio para Luiz Paulo”.

Nota-se um grande esforço dos organizadores em reunir diferentes vozes de profissionais com carreiras consolidadas em LA ou em áreas afins que, em algum momento de suas trajetórias, tiveram suas histórias de vida entrelaçadas com a história do homenageado, seja pela convivência profissional e afetiva, seja pelos interesses temáticos comuns na pesquisa. Desse modo, a combinação desses textos e dos capítulos parece conferir ao livro um caráter de trabalho realizado a muitas mãos, por meio do qual diversos estudiosos unem-se com o objetivo duplo - tanto de prestar tributo a Moita Lopes, quanto de divulgar resultados de pesquisas ou de reflexões sobre temas caros à LA indisciplinar. A nosso entender, esse esforço é válido, mas também não está isento de ressalvas, uma vez que o excesso de textos introdutórios

promove ciclos de reiteraões, retardando a apreciação dos capítulos que correspondem às contribuições mais significativas do volume.

Na Introdução, Fabrício e Borba fazem alusão à ideia de que a partir da destruição, algo novo surge, porém com o acréscimo de uma “nova vida crítica”. Essa alusão remete-se diretamente à LA na acepção cunhada por Moita Lopes. Nessa seção introdutória, as subseções são nomeadas pelos autores com ênfase ao substantivo “ruína”: ruínas do conhecimento, ruínas da estabilidade, ruínas da representação, ruínas de espaços e tempos, ruínas das fronteiras, ruínas da disciplina e ruínas da ontologia. Sob uma argumentação epistemológico-científica, Fabrício e Borba defendem veementemente uma LA totalmente livre e desimpedida, mas que, antes, deve se desfazer por inteira. Assim, essa perspectiva defende que dos escombros de saberes consagrados emerge uma LA indisciplinar que deve se (re)teorizar.

No primeiro capítulo, cujo título se tem por “Linguística Aplicada Indisciplinar como amálgama epistêmico”, Alastair Pennycook lança-nos à reflexão da LA como um campo disciplinar, que dialoga com outros campos, a exemplo da sociologia, geografia, filosofia, ciências cognitivas, que não necessariamente se erigem como disciplinas. Nesse sentido, o autor afirma que essa questão, na verdade, traz à tona a noção de diálogo entre *epistemes* ao invés de interações entre disciplinas. Para isso, o autor ancora-se nos postulados foucaultianos sobre a noção de *epistemes*, ao entender que essas são sistemas de conhecimento que condicionam o discurso, o pensamento e a ação em épocas distintas. Logo, torna-se mais coerente associar a LA a um “*amálgama epistêmico indisciplinar*” (p. 72).

Não obstante, é digno de nota salientar que Pennycook destoa da acepção transdisciplinar, afirmando que essa ofusca questões importantes sobre a prática e acerca dos modos de produção, regulação e

manutenção do conhecimento. Concomitantemente, ele exemplifica que trabalhos “que objetivam trazer uma perspectiva *queer* para os estudos do discurso interessam muito mais do que análises críticas do discurso político, [que] [...] não fazem nada para abalar pressupostos centrais sobre língua e política [...]” (p. 53-54). A respeito, nossa crítica incide no fato de que trabalhos que não estão inscritos no viés indisciplinar não necessariamente deixam de ser menos importantes na luta pela justiça social. A nosso ver, inclusive, a escrita, nesse caso acadêmica, não age *per se*. Enquanto uma prática social, ela deve, nos seus desenhos e objetivos retóricos, incitar a criticidade e o debate às ideias/aos resultados. Toda a construção científico-acadêmico-social, estando ou não sob pressupostos indisciplinares, é válida na construção do conhecimento, no agenciamento e, portanto, na luta por uma ecologia de saberes advindos de Vozes do Sul Global.

No segundo capítulo, “Sociolinguística, (in)segurança e prática cotidiana”, Ben Rampton aborda questões inerentes à linguagem e à segurança em contextos que as pessoas falam de inimigos e ameaças à sua existência. A partir de uma visão enquanto sociolinguista etnográfico e interacional, ancorado nos trabalhos de autores como John Gumperz, Dell Hymes e William Labov, Rampton descreve a noção de *securitização*, *inimigo* e *cotidiano* e as relaciona no âmbito das Relações Internacionais e Estudos da Paz, Conflito e Segurança. Em sua discussão, o autor constatou que apesar da oposição enfrentada por estudantes greco-cipriotas no Chipre, foi possível identificar algumas práticas que os sustentaram na aprendizagem da língua tida como do inimigo, o turco. Uma delas diz respeito às rotinas mundanas e familiares de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras em ambiente escolar, visto que a experiência de aprender turco em sala de aula não tenha sido

perpassada por conflitos, como é o caso de conflitos interétnicos históricos das comunidades greco-cipriota e turco-cipriota.

No terceiro capítulo, “Intermodalidade e representações de identidade em duas edições do livro ilustrado *Amanhecer Esmeralda*”, Célia Magalhães focaliza a construção da identidade da menina Manhã, personagem protagonista de duas edições do referido livro (2005 e 2024, respectivamente), comparando os significados identitários nos textos por meio das relações intermodais de dois sistemas semióticos — a imagem e a verbiagem, sendo este um conceito usado na teoria da Gramática do *Design Visual* proposta por Gunther Kress e Theo van Leeuwen — alinhando-se à ideia de leitura de narrativas visuais, ante a perspectiva sociossemiótica da linguagem. A discussão ora empreendida por Magalhães indica a necessidade de abordar os significados ideacionais à representação das pessoas, das coisas e dos processos, bem como questões contextuais quanto à ilustração e à editoração distintas. A autora enfatiza que abordar a linguagem visual e verbal sob uma perspectiva multissemiótica, contemplando a construção narrativa da autoestima da personagem, é estar na *paisagem* de uma LA indisciplinar.

No quarto capítulo, “(Des)construções das categorias identitárias mulher ‘de verdade’ e mulher feminista em página do Instagram”, Inês Signorini e Fabiana Biondo focalizam comentários on-line em publicações do perfil *Quebrando o Tabu*. Elas destacam o papel da linguagem no estabelecimento de uma contraposição discursiva entre essas duas categorias, que parece encontrar profícuo espaço em rede social, que se edifica como ambiente para desvelamento e profusão de *performances* sobre gênero. Para tanto, situam a etnografia virtual como o procedimento metodológico útil à investigação desenvolvida, partindo dos estudos de Christine Hine, pesquisadora inglesa. Aliam, ainda, as noções teóricas de enquadramento, a partir de Erving Goffman e de

Robert M. Entman principalmente, à discussão sobre *performance* e identidade de gênero, com base em Judith Butler. Há, desse modo, um esforço das autoras em alinhar-se a uma perspectiva de LA indisciplinar, principalmente pelas referências teóricas e metodológicas das quais lançam mão, configurando-se numa abordagem mestiça – usando termo do homenageado.

No quinto capítulo, intitulado “Reflexões indisciplinadas sobre epistemologia em linguística”, José Luiz Fiorin inicialmente retoma a ideia de uma LA mestiça e ideológica sob o conceito de LA indisciplinar, em vistas a reinventar a vida social e a produção de conhecimento. Em seguida, referenciando Ferdinand de Saussure e sua célebre obra *Curso de Linguística Geral*, Fiorin destaca alguns princípios-base para a constituição da linguística moderna enquanto ciência, a exemplo da transformação da língua em objeto estático. Ademais, alega que, diferentemente do entendimento estruturalista, a noção de *instabilidade* perpassa a propositura da LA indisciplinar, pela influência das teorias do discurso. O autor ainda destaca que a instabilidade diz respeito não à desorganização e ao caos, mas ao pensamento de que algo não-permanente, que muda de lugar, é resultante de determinados fenômenos linguageiros e sociais.

No sexto capítulo, cujo título é “A disciplina chamada Linguística Aplicada e as contribuições de Luiz Paulo da Moita Lopes”, Kanavillil Rajagopalan se atenta ao fato da constituição da LA, que não é nem linguística, nem aplicada e nem uma disciplina acadêmica no rigor do termo. Assim, o autor lança o questionamento: “como é possível trabalhar qualquer coisa da ordem prática que diz respeito à linguagem sem nos munirmos, de antemão, de uma sólida teoria sobre o que é a língua, para começo de conversa?” (p. 198). A este respeito, Rajagopalan tece críticas ao termo “aplicada”, ao mencioná-la como uma pala-

vra-armadilha que conduz à imprecisão epistemológica do campo, ao passo que evidencia que “disciplina” implica em um espaço científico “com pouca margem de manobra [...] contra [...] quaisquer tentativas de transgressão” (p. 202). Corroborando a ideia de agenciamento no âmbito da LA, o autor elenca alguns temas cruciais, caros à indisciplinaridade: a conceituação de “língua” enquanto prática social como objeto de estudo, o entrecruzamento de linguagem e sociedade, e o ativismo ético e político.

No sétimo capítulo, com o título “Caminhos narrativos - cronotopos na construção de identidades em reuniões de trabalho”, Liliana Cabral Bastos trata da construção, pela linguagem, de identidade profissional de uma médica ginecologista no convívio de um grupo de trabalho voltado ao cuidado com crianças e adolescentes. Com esse intento, a pesquisadora observa as dinâmicas de significação através das narrativas contadas pela médica, focalizando tanto os contextos em que ocorre as narrações, quanto os eventos que são alvos da referência no decurso de suas falas. Vale-se, basicamente, do construto bakhtiniano de cronotopo, que remete à relação espaço-tempo bastante peculiar em literatura, mas adaptado ao estudo da interação socialmente situada; funciona não somente como marca cronológica, mas também como indicador de experiência, que se revela pela alternância e simultaneidade das ações evidenciadas. Considera também apontamentos sobre narrativas, numa perspectiva mais estrutural, e sobre *performances* identitárias, como ato discursivo. Não há um compromisso em desenvolver uma pesquisa disciplinar, o que se percebe pelo trânsito entre referências de campos distintos, como Mikhail Bakhtin, Jan Blommaert e Richard Bauman.

No oitavo capítulo, “Mas que sintaxe ‘indisciplinada’!!!”, Maria Eugênia Lamoglia Duarte sublinha a relação entre a sintaxe da língua

falada no Brasil e as convenções normativas de escrita, que foram desenvolvidas a partir do Português Europeu. Apesar de haver afastamento entre ambas as modalidades e de já se ter notado a existência de descompassos ainda no século XIX, a escola contemporânea permanece vinculada ao mesmo aparato normativo, que funciona como instrumento de vigilância dos usos. Dentre outros tópicos temáticos, o capítulo se ocupa em discutir a respeito da distância entre a escrita e a fala no contexto brasileiro, explicando que, entre os séculos XIX e XX, optou-se pela adesão ao cânone gramatical lusitano. Essa escolha social e política fomentou ideologias que ainda hoje se perpetuam, como a unidade linguística, a informalidade do português brasileiro e a formalidade do português europeu.

Duarte joga com o emprego do adjetivo indisciplinada, atribuindo-o não ao aparato epistemológico e metodológico próprio de um estudo em LA, mas vinculando-o ao seu objeto de investigação, que é a sintaxe do português. Para tanto, defende que a sintaxe, seja do Brasil seja de Além-Mar, não se comporta exclusivamente em acordo com imposições exógenas, não obstante, tende a encontrar mecanismos de burlar normas, inclusive, na modalidade escrita da língua. Ao longo do capítulo, realiza-se um passeio por dados de uso linguístico provenientes das elites brasileiras, podendo-se verificar tanto cartas de um casal de alta classe em contexto posterior à Proclamação da República, quanto crônicas e outros textos jornalísticos de escritores nacionais. Os principais elos entre a reflexão produzida e a LA Indisciplinar estão no desenvolvimento de uma abordagem mais social sobre sintaxe e no interesse pelo ensino de língua, o que nos encaminha a identificar produtividade nessa interface, mas que, a nosso ver, é pouco explorada ao longo da discussão.

No nono capítulo, “Construções de narrativas sobre migrantes haitianos/as em espaços eletrônicos de comunicação: reações e resistência”, Marilda C. Cavalcanti e Ana Cecília Cossi Bizon focalizam a linguagem na construção de narrativas sobre a diáspora de migrantes haitianos, os quais, vivenciando situações de vulnerabilidade extrema em sua terra natal, partiam para o Brasil motivados pela ampliação do mercado de trabalho proporcionada pela Copa do Mundo, programada para 2014, e pelas Olimpíadas, para 2016. As pesquisadoras consideram, então, narrativas construídas em espaços mercadológicos de comunicação, como mídia comercial, em que se encontram discursos negativos; e não mercadológicos, como webproduções, em que repercutem discursos de resistência. Nesse sentido, a LA contribui para despertar de um ponto de vista crítico sobre a mídia, o qual pode desmontar armadilhas políticas da extrema-direita¹, que encontram fôlego em narrativas xenofóbicas e de subalternização para favorecer atitudes desumanizadoras e, até mesmo, violentas contra comunidades em diáspora.

No décimo capítulo, “Multissemiose dos textos contemporâneos: a imagem estática em uma abordagem de base bakhtiniana”, Roxane Rojo promove uma discussão teórica com exemplificação, de modo semelhante a que desenvolveu para o volume organizado por Moita Lopes (2013), quando tratou sobre materiais didáticos. Para tanto, baseia-se em escritos de Mikhail Bakhtin e o Círculo, dos quais absorve construtos como *forma arquitetônica*, mas também em noções semióticas de Charles Peirce, apropriadas pela pesquisadora Lucia Santaella, e de Jay Lemke. Da base bakhtiniana, refere-se à forma arquitetô-

1. É o caso das políticas de extradição de migrantes nos Estados Unidos da América, através da atuação de seu atual presidente, Donald Trump.

nica do conteúdo, que é uma materialização da relação axiológica (isto é, de valores) possível dentro de uma determinada época e cultura. Da semiótica, são visitados os conceitos de tipológico e topológicos que designam, respectivamente, a língua (organizada sintaticamente) e outros sistemas semióticos (tamanho, cor, altura, disposição etc.). Rojo vale-se de um longo passeio por perspectivas teóricas, inclusive, voltando sua atenção a tópicos tangentes à discussão sobre a imagem estática, como a relação entre a semiótica e a música.

Na sequência, a autora concede relevo às fases paradigmáticas da imagem estática, equivalentes aos paradigmas pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico. Considerando a discussão empreendida por Rojo e o avanço tecnológico do cenário atual, somos levados a questionar, portanto, se a produção ou reelaboração de imagens estáticas por sistemas de Inteligência Artificial, que tem se popularizado nas redes sociais em 2025², é suficiente para fundar uma quarta fase paradigmática ou se se delineia como mais uma faceta do estágio pós-fotográfico. O levantamento dessa questão é indicativo de que a LA é uma ciência em constante ebulição, pela natureza polimórfica e sempre nova de seu objeto estudo – a linguagem socialmente situada.

A nosso entender, a obra enfatizada lançou mão de um objetivo, nada fácil de ser alcançado: enaltecer, de maneira satisfatória, uma figura consagrada em LA, seguindo o costume de reverenciar grandes nomes da pesquisa no campo – como fez Moita Lopes (2013) para Antonieta Celani. Por outro lado, os organizadores escolhem um título que reverbera a obra publicada por Moita Lopes (1996), *Oficina de Linguística Aplicada*; acreditamos, todavia, que a manutenção do item lexical “oficina” pode evocar, sobretudo a leitores/pesquisadores

2. Referimo-nos à *trend* de rede social, isto é, à tendência coletiva em transformar, com apoio de Inteligência Artificial, fotografias digitais em desenhos ao modelo *anime* – animação japonesa.

iniciantes na área, que o volume ora em apreciação equivale a uma segunda parte ou a uma continuação daquele publicado em 1996.

A obra organizada por Fabrício e Borba tenciona a progressão da trama discursiva que orienta a LA como uma episteme, seja por meio de capítulos que promovem análise de dados, seja por meio de discussões teóricas ensaísticas. Nessa direção, parece sinalizar a consolidação da área no espaço acadêmico-científico – se “consolidação” nos for permitido enunciar (diante da constante evocação de termos como “ruínas”) – e uma celebração à acepção epistemológica calcada por Moita Lopes em 2006. Por assim dizer, talvez títulos como *Horizontes de Linguística Aplicada Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*, por exemplo, fizessem mais jus à obra em questão, pois nela mais se sublinha a ampliação e a diversificação do campo, do que se explicitam modos de fazer pesquisa em LA à guisa de uma “oficina”.

Embora haja ressalvas, como vimos fazendo ao longo desta resenha, esse volume é uma obra recomendável para pesquisadores mais novos e mais experientes em LA e em Ciências Sociais, mas também para professores de línguas e para estudantes de Letras. Com a leitura do livro, teremos o privilégio de (re)ver mais uma vez reunidos, tal como em *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar* (2006), estudiosos como Fabrício, Pennycook, Rampton, Rajagopalan, Signorini, Cavalcanti e Rojo, cujas vozes se unem a outros pesquisadores neste volume de 2023, para reafirmar o compromisso indisciplinar da LA e nos fazer refletir sobre a linguagem em uso nas particularidades dos nossos tempos. No geral, os autores de cada capítulo se empenham em co-construir ideias sobre língua e linguagem, forjando-as pelo debate, pela reflexão e pela crítica. Nesse diálogo, os autores parecem esperançosos, com Moita Lopes (2009), de que somos capazes de modificar e transformar discursos no aqui e no agora.

Referências

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In.: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MOITA LOPES, L. P. (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festchirft para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

Recebido em: 03/05/2025

Aprovado em: 25/07/2025

Licenciado por

